

FILIPA FONSECA SILVA

4.^a
EDIÇÃO

E SE EU MORRER AMANHÃ?

LIVRO FENÔMENO EM PORTUGAL E BRASIL
BREVEMENTE EM FILME



*Para a minha mãe, a minha filha,
a minha irmã, as minhas avós
e todas as mulheres da minha vida.*

Primeira Parte

1

Quando o telemóvel tocou, às três e vinte da madrugada, Luísa soube por instinto que se tratava de uma má notícia. Sentou-se na cama, sobressaltada, e tacteou a mesa-de-cabeceira à procura dos óculos, para conseguir ler o nome que gritava no visor.

— Marília? O que se passa? — perguntou, assustada.

— Houve um incêndio em casa da tua mãe — respondeu a cunhada, que ia no carro, pelo menos a julgar pelo barulho de fundo.

— Um incêndio?! Oh, meu Deus! Ela está bem?

— Sim, ligou-me quando ia a caminho do hospital, mas estava com uma voz serena.

— Hospital?

— Devido à idade, querem garantir que os pulmões estão bem — tranquilizou Marília. — Estou a ir para lá agora.

— Também vou!

— Não, espera! Tu tens de ir até ao apartamento para verificares os estragos e veres se consegues trazer a carteira dela, roupa e essas coisas.

— E o Rui?

— Não está cá esta semana.

— Oh, bolas... — deixou escapar Luísa, desiludida. — Bom, então... até já.

Enquanto se vestia com a roupa do dia anterior, resgatada do chão da casa de banho, e fazia uma lista mental das coisas de que a mãe precisaria, Ricardo acordou, estremunhado, e ficou à espera de que a mulher lhe indicasse se era preciso mexer-se ou não. Dos lábios dela, ouviu incêndio... hospital... a mãezinha está bem... tenho

de ir a casa dela... deixa-te estar, pelo que apenas garantiu que estaria atento ao telefone e voltou-se para o outro lado. Luísa correu até à porta, arrancando a mala do cabide, vestiu o primeiro casaco que agarrou e percebeu que as chaves do carro não estavam no móvel da entrada, como era suposto. Suspirou, irritada, e entrou no quarto da filha sem acender a luz, vasculhando os bolsos das calças dela, onde suspeitava que ela as teria deixado, esquecidas, como era seu hábito. Fingiu não reparar no cachimbo de água que estava sobre a mesa-de-cabeceira. Queria acreditar que era apenas decorativo, mas... e se não fosse? Estaria a filha a consumir algum tipo de droga? Deveria falar com ela sobre o assunto? Afastou tais pensamentos com firmeza, até porque tinha preocupações mais urgentes com as quais lidar. Afinal, a filha já era uma mulher de vinte e dois anos. Uma estudante dedicada, a caminho do terceiro curso superior (embora não tivesse terminado nenhum dos outros), e que nunca se tinha metido em problemas. Vivia da mesada que os pais lhe davam e de um part-time a passear cães na vizinhança, é certo, e não tinha planos para sair de casa nos próximos dez anos, como milhões de outros jovens da sua idade, mas era importante respeitar o seu espaço e assumir que era uma adulta com quem partilhavam a casa. De graça. Fechou a porta devagar atrás de si, de modo a não perturbar o sono da filha, e pôs-se a caminho do apartamento em chamas.

O único lado positivo de coisas como esta acontecerem às tantas da manhã é não haver trânsito na estrada e os semáforos estarem em modo intermitente, pensou Luísa, enquanto acelerava pelas ruas vazias e quase irreconhecíveis à luz da noite. Os prédios ganhavam todos a mesma tonalidade amarela da iluminação nocturna e a quietude permitia escutar o deslizar dos pneus no asfalto. Sem buzina-de-las, sem pára-arranca, sem protestos do carro de trás, conduzir até se tornava uma actividade agradável. Em apenas cinco minutos, chegou à porta de casa da mãe, onde os bombeiros já estavam a terminar o seu trabalho e a prepararem-se para partir. Um deles estava a falar

com um vizinho, que Luísa nunca tinha visto antes e que estava encostado à parte de trás de uma ambulância. Era um homem alto e bem-parecido, pese embora a idade avançada. Envergava umas calças de ganga e, por cima, apenas um roupão de seda florido e vaporoso.

— Desculpe interromper, o meu nome é Luísa, sou filha da senhora que foi levada para o hospital — disse ela, dirigindo-se ao bombeiro.

— Ah, bom, então, estava aqui a explicar ao seu pai...

— Pai? — interrompeu Luísa. — Eu não conheço este senhor de lado nenhum!

— Jaime Cortês — disse o homem de robe de seda, estendendo a mão. — Sou o... vizinho.

Luísa olhou-o com estranheza e, sem responder, voltou-se de novo para o bombeiro.

— Já terminaram tudo? É seguro a mãezinha voltar para casa?

— Bom, hoje não voltará de certeza! — respondeu o bombeiro, num tom levemente trocista. — Embora o incêndio tenha ficado circunscrito à sala, são precisos vários dias até o fumo se dissipar totalmente, já para não falar da água. Amanhã, os peritos da polícia e da protecção civil virão verificar o estado da fracção e se há danos nas fracções adjacentes ou zonas comuns. Também virá o perito dos seguros, sabe como é. Depois, convém fazer umas obras de reparação e de pintura, o tecto está todo negro, mas, primeiro, a água tem de evaporar bem, senão, empola. Enfim, é coisa para, no mínimo, três semanas.

— Três semanas? E, até lá, onde é que a mãezinha fica?

— Olhe, não tenho nada que ver com isso, mas, em vez de se preocupar com onde ela fica, devia estar agradecida por a sua mãezinha estar bem e o fogo não ter atingido outras casas. Estes incêndios a meio da noite com pessoas idosas normalmente não acabam bem.

— E posso, ao menos, ir lá acima buscar as coisas dela?

— Um elemento da nossa equipa já esteve lá. Trouxe os documentos e alguns objectos pessoais para a sua *mãezinha* — respondeu o bombeiro, estendendo-lhe um saco de pano.

Luísa espreitou, incrédula, para o conteúdo do saco. Estavam lá os documentos, os óculos, uma camisa de dormir, roupa interior, umas pantufas, um casaco, umas calças, uma blusa, a escova de dentes, a escova de cabelo e um hidratante de rosto. Luísa interrogou-se como teriam os bombeiros encontrado tudo tão facilmente. Devem ter andado a abrir todas as gavetas, pensou, indignada, a imaginar as mãos enormes e cobertas de fuligem a devassar a intimidade da sua mãezinha. O que valia era que, na idade da mãe, não havia nada a esconder. E as jóias estavam no cofre. Voltou para o carro, preocupada, olhando para a janela da sala do terceiro andar, antes adornada com cortinas floridas, agora um buraco enegrecido. Parecia-lhe que o bombeiro tinha sido optimista quando falou em três semanas. Ainda por cima era Agosto. Onde iria encontrar alguém disponível para fazer a obra de reparação? Tinha de falar com Marília sobre quem tomaria conta da mãezinha até o arranjo estar concluído. Certamente, a cunhada e o irmão, que viviam numa casa com vários quartos vazios. Se bem que teria de esperar que o Rui regressasse para tocar no assunto. Incrível como, sempre que havia uma crise familiar, o irmão não estava. Sobrava tudo para ela. Sempre. De repente, veio-lhe à memória uma frase que amiúde ouvia a avó dizer à mãezinha: «Ainda bem que tiveste uma menina para cuidar de ti na velhice.» Será que a necessidade que sentia de cuidar da mãe lhe fora incutida por frases como essa, ou faria parte do código genético feminino? Estariam as mulheres geneticamente e irremediavelmente programadas para cuidar dos outros? Filhos, pais, maridos? Mas, nesse caso, porque era sempre para casa do irmão que a mãe ligava quando precisava de alguma coisa? Deixou-se levar por tais divagações, enquanto se dirigia ao hospital.

Assim que passou pela porta das urgências, afogueada, Luísa encontrou a cunhada sentada na ponta de uma cadeira da sala de espera, com um ar enjoado, como se, ao recostar-se e respirar normalmente, pudesse ser atingida pelas maleitas dos doentes com quem partilhava aqueles metros quadrados.

— Obrigada por teres vindo para cá, Marília. Já estiveste com ela? — perguntou, preocupada.

— Não, ainda está lá para dentro, em observação — respondeu a cunhada. — Mas, quer dizer, isto é coisa para durar horas, a julgar pelo que se vê aqui. Aquele senhor está praticamente a falecer e ainda ninguém o veio ver. E o outro tem um olho ao peito não tarda. Ali, estás a ver?

Luísa ignorou o comentário da cunhada.

— Já conseguiste falar com o Rui? Como é que isto aconteceu?

— Não sei, ao telefone, ela disse-me que está ótima, não tem nem um arranhão, só a sala é que ardeu, porque deixou a lareira acesa sem a guarda e pegou fogo à tapete.

— Lareira acesa? Em Agosto? Ai, meu Deus, eu sabia! A mãezinha não está bem!

— Achas?

— Claro que acho! Quem é que acende a lareira em Agosto? E anda meio distraída, sempre a esquecer-se das coisas...

— Agora que falas nisso, já por mais de uma vez se esqueceu de que tinha um almoço na nossa casa — recordou Marília.

— Sabes, este ano nem deu os parabéns ao Ricardo, imagina!

— Na verdade, isso também já me aconteceu. Sou péssima com aniversários.

— Bom, isso não interessa agora. O que temos de saber é para onde é que a mãezinha vai nas próximas semanas. O bombeiro disse-me que o fogo não passou da sala, mas, ainda assim, vai ser preciso arranjar o chão, pintar o tecto...

— Não me digas!

— Eu posso ficar com ela por agora, mas depois ela vai ter de ir para a vossa casa. Nós vamos de férias dentro de dias.

— Como assim? O teu irmão não está cá! Não vou ser eu a tomar conta da vossa mãe, ainda para mais, demente!

— Mas...

— Luísa, tem paciência — respondeu Marília, com naturalidade.

— Não me posso responsabilizar sozinha. Quando o Rui voltar, logo

decides isso com ele. Mas lembra-te de que o gato não fica lá. Tenho imensa alergia.

— O gato! — gritou Luísa, com enorme preocupação.

— Morreu?

— Não sei, não vi gato nenhum! Ai, Marília, se o gato morreu, a mãezinha vai ter um desgosto — choramingou Luísa.

— De certeza que não morreu, os gatos têm sete vidas — respondeu a cunhada, pouco solidária com a preocupação pelo bem-estar de um animal que detestava.

Ao fundo do corredor, abriu-se a enorme porta onde estava escrito em letras garrafais: «Não passar. Acesso restrito.» De lá, surgiu uma auxiliar do hospital mal dormida a empurrar uma cadeira de rodas, na qual uma senhora de aspecto frágil, mas sorridente, estava confortavelmente sentada. Luísa reparou que vestia uma bata de hospital e que tinha pousado no colo algo que se assemelhava a um lençol de padrão exótico, cuidadosamente dobrado.

— Não me diga que a mãezinha vai ter de ficar cá... — lamentou-se Luísa quando a auxiliar parou a cadeira de rodas à sua frente.

— Estou ótima, filha — respondeu Helena. — Podemos ir.

— Mas a mãezinha está de bata — notou Luísa. — Vai ser internada, não vai?

— Não — interrompeu a auxiliar. — A senhora está de bata porque vinha apenas enrolada no lençol. Não temos roupa para lhe vestir.

— Oh, Helena, que vergonha — exclamou Marília. — Não me diga que saiu assim de casa, enrolada num lençol?

— Querias que ficasse no meio do fogo a vestir-me?

— Mas porque é que não estava de pijama? Agora dorme nua, é? Na sua idade? — insistiu Marília.

— Então, mãezinha? — interrompeu Luísa, num tom mais alto do que aquele que usava para falar com as outras pessoas. — Estava com calor por causa da lareira, não estava? — perguntou, segurando

a mão da mãe. Depois olhou para a cunhada, levando o indicador junto da têmpora, desenhando com ele pequenos círculos no ar.

— O *Chopin*? — perguntou Helena, mudando de assunto.

Luísa temera por aquela pergunta. Não fazia ideia onde se teria metido o bicho, se estava morto ou vivo. Na verdade, nem sequer se lembrara de procurá-lo. Melhor dizendo, nem sequer se lembrara de que a mãe tinha um gato. Provavelmente, o bicho fugira, assustado, como fazem todos os animais quando sentem perigo. Tanto podia já ter regressado a casa, como aproveitado para saborear a liberdade. Para sempre.

— Não se preocupe, mãezinha — continuou Luísa, falando devagar. — Já vamos tratar de tudo. O que importa é que está bem.

Findas as burocracias para a alta hospitalar, o dia raiava quando saíram do hospital. No caminho para casa, Helena insistiu em encontrar o gato, que não iria dormir enquanto não o encontrasse, ameaçando mesmo fugir para ir procurá-lo, pelo que Luísa teve de se dirigir novamente ao apartamento carbonizado. Felizmente, o bicho saiu de debaixo de um carro assim que ouviu a voz da dona. Saltou-lhe para o colo e ali foi, aninhado, todo o caminho. Em vez de ficar aliviada e feliz pela mãe, Luísa ficou a pensar se o gato arranharia os sofás. Olhou para a mãe pelo canto do olho e notou que ela sorria, como se estivesse alheada da gravidade do que acabara de acontecer. Sentiu o coração apertado e os olhos marejados de lágrimas. Estaria na altura de consultar um psiquiatra, para atestar a saúde mental da sua progenitora?

2

O Sol já ia alto quando Mafalda acordou, em sobressalto, com um gato a lambê-la a cara. Soltou um grito, que, por sua vez, fez o animal fugir, espavorido, lançando um rosnado de protesto. Com o coração a bater descompassado, por momentos, achou que ainda estava a sonhar. Percebeu que não quando ouviu alguém a roncar na cama de visitas que se encaixava debaixo da sua. Rezou para que não fosse a Inês. Não, claro que não podia ser a Inês, pensou, os olhos fixos no tecto, com receio de se confrontar com a realidade que se exibía na cama de baixo. Tinha jantado com os pais e depois recolhera-se para ler e fumar o seu cachimbo de água, sozinha, à janela. Aliás, estivera tão sossegada que nem sequer iniciara qualquer conversa no *Tinder*, colocando de lado a possibilidade de ter convidado alguém para a sua cama. Mais tranquila pela certeza de que, desta vez, não teria de apresentar um desconhecido aos pais durante o pequeno-almoço, rebolou devagarinho para a borda do colchão e espreitou, receosa. Deitada de barriga para cima e com os braços abertos como um Cristo, estava a sua avó Helena. Caminhando lentamente sobre ela e olhando também para o seu corpo quase imóvel, viu o gato que a acordara. Era o *Chopin*. Mafalda pegou nele com alívio e roçou a face no seu pêlo macio. Depois, levantou-se devagarinho e foi procurar a mãe.

Luísa estava na cozinha a preparar as marmitas que ela e Ricardo levavam para os respectivos escritórios. Era uma maneira de poupar dinheiro e, sobretudo, de fugir aos almoços com colegas de trabalho. Preferia sentar-se debaixo de uma árvore, no pequeno pátio do Instituto, a partilhar migalhas com os pássaros, do que passar uma hora a ouvir conversas que se dividiam entre dizer mal dos chefes, partilhar

receitas fáceis e rápidas para o jantar e comentar o último episódio da série do momento, sendo que Luísa não tinha nada a dizer dos chefes, não cozinhava e era de uma geração que ainda preferia as telenovelas.

— O que é que a avó está a fazer na minha cama? — perguntou Mafalda, num tom acusatório.

— Mafalda, nem imaginas o que aconteceu esta madrugada — começou a contar Luísa, enchendo de novo a caneca de café. — A avó pegou fogo à casa, foi parar ao hospital, felizmente, não tinha nada, mas não pode voltar para o apartamento, que está parcialmente destruído. Tive de trazê-la para cá.

— Que horror! E agora?

— Agora, vai ter de ficar a viver connosco até fazermos as reparações no apartamento dela.

— Como assim, a viver connosco? No meu quarto? — questionou Mafalda, indignada.

— Queres que a ponha no meu?

— Sei lá, é a tua mãe!

— Mafalda! — exclamou Luísa, zangada.

— Desculpa, mãe, mas eu tenho de estudar, gosto da minha privacidade, e a avó ressona.

— Primeiro, estás de férias de Verão; segundo, a acontecer, será uma estadia curta; e terceiro, usa tampões nos ouvidos — respondeu Luísa, com firmeza. — E, já agora, esvazia uma gaveta da cómoda para a avó poder colocar as coisas dela.

Mafalda fez um esgar enfiado e virou costas, preferindo acabar de beber o iogurte líquido que tirara do frigorífico na casa de banho.

— E não fiques aí trancada uma hora, que a avó pode acordar e precisar de usar a casa de banho, ouviste? — gritou Luísa, da cozinha.

— Como queiras! — respondeu Mafalda, abrindo a água do chuveiro na pressão máxima.

Portanto, era assim? Não bastava ainda viver com os pais, também teria agora de viver com a avó? Não, não podia ser. Tinha de encontrar uma solução. Mas a única que se lhe apresentava era passar os próximos tempos em casa da Inês, a sua melhor amiga, da qual, ultimamente, andava um pouco afastada.

Inês era uma espécie de *dealer* de canábis da faculdade. Uma colega de curso que vinha de uma família aparentemente normal, que morava num bairro abastado, mas cujo irmão era traficante de drogas. O que talvez explicasse por que morava num bairro abastado. Inês não andava activamente a vender erva pelo *campus*, mas, se alguém a visse a fumar e lhe perguntasse se arranjava um bocadinho, ela acabava por ceder e, no dia seguinte, fazia o negócio sem cobrar nenhuma percentagem, o que era bom para os clientes e para o irmão. Mafalda começou por ser uma dessas clientes, que evoluiu para amiga e, mais tarde, para interesse amoroso. Na verdade, tinha sido Mafalda a tomar a iniciativa de beijar Inês, numa noite em que estiveram três horas na pista de dança de uma discoteca. Tomara uma pastilha, cujo efeito, aliado à música e à proximidade dos corpos, lhe despertara a vontade de experimentar beijar uma mulher. Fora um beijo longo e surpreendentemente bom, que repetiram noutras noites, até acabarem na cama e Mafalda descobrir que, definitivamente, não era lésbica, nem sequer bissexual. Era simplesmente uma bicuriosa, que, satisfeita a curiosidade, se confirmava hétero. Ficara um bocadinho desapontada por ser tão convencional, mas não ia fingir outra orientação sexual só para ficar bem no perfil do *Instagram*, onde abundavam pessoas que se assumiam como demissexuais, ginessexuais ou pansexuais, o que quer que isso significasse. Inês, porém, não ficara convencida com o argumento e continuava a achar que Mafalda estava apenas a fazer-se de difícil. Mesmo após longas e sinceras conversas, continuava a acreditar que, um dia, conseguiria levá-la para aquilo que chamava «o lado bom da força». Desde então, Mafalda evitava passar muito tempo a sós com ela. Só que, naquele momento, por mais que lhe custasse, Inês e a sua casa de três andares no bairro onde se acordava ao som dos

passarinhos parecia ser a única alternativa a partilhar o quarto com a avó, sabia lá por quanto tempo.

Quando saiu da casa de banho, a avó já estava sentada à mesa da cozinha.

— Bom dia, amorzinho — saudou Helena, com carinho.

— Bom dia, avó.

— Espero não te ter incomodado, mas, enfim, parece que não tive alternativa...

— Oh, não incomoda nada, avó — mentiu Mafalda. — O que interessa é que está sã e salva.

— Pois, mas estava aqui a dizer à tua mãe que o melhor é eu ficar com o Rui. A casa é maior, tenho lá um quarto...

— Mãezinha — interrompeu Luísa —, então não acabei de lhe explicar que o Rui não está e que a Marília é alérgica a gatos? Não me diga que já se esqueceu...

— Não se preocupe, avó. Pode ficar no meu quarto o tempo que precisar. Eu vou para casa da minha amiga Inês.

— Como assim? — perguntou Luísa, virando-se para a filha, surpreendida pela decisão.

— Mãe, muito menos. Sou maior e vacinada — disse Mafalda, saindo da cozinha. — Não tenho de te dar justificações.

Helena pôs-se a olhar pela janela, fingindo não estar a prestar atenção à cena constrangedora. Não gostava de discussões. Luísa suspirou, reclamando baixinho da sorte que lhe tinha calhado, até que Ricardo apareceu para salvar ambas do desconforto.

— Então, mãezinha, como se sente? — perguntou ele à sogra, colocando as mãos sobre as dela.

— Estou bem, estou bem...

— Que belo susto nos pregou, hem?

— Papá, foi um acidente — interveio Luísa, abrindo muito os olhos, como que pedindo que não alimentasse a conversa, não fosse perturbar a frágil senhora.

— Claro, os acidentes acontecem todos os dias — apressou-se Ricardo a dizer. — Mas não se preocupe, vai ficar tudo bem.

— Eu... eu tenho de fazer algumas chamadas — disse Helena, levantando-se.

— Mãezinha, o que precisa é de descansar — replicou Luísa.

— Sim, tens razão, minha filha. Vou para o quarto descansar.

Helena retirou-se, lentamente. Assim que virou costas, Luísa abanou a cabeça em sinal de desaprovação. Chegara o temido dia. O dia em que teria de começar a tomar conta da mãe. O pior é que ainda mal acabara de tomar conta da filha. E ela própria, onde ficava? Teria alguma vez tempo nesta vida para se dedicar a si? Pensara que, aos cinquenta, iria ter menos preocupações com os outros e, afinal... sentia-se como uma abelha, a trabalhar até à exaustão para o bem de todos. Só que, no seu caso, parecia ser a única obreira de toda a colmeia.

3

Rui chegou da sua viagem de negócios e foi directamente do aeroporto para casa da irmã. Indiferente ao trajecto que o taxista seguia, passou o tempo a lamentar o transtorno que a situação estava a provocar na vida de toda a gente. Desde que o pai morrera, findos os religiosos almoços de domingo em família, via a mãe de quinze em quinze dias, ligava-lhe amiúde e tudo funcionava bem. A mãe era muito independente e refizera a vida de forma estóica. Mudara-se para aquele apartamentozinho, agora parcialmente reduzido a cinzas, continuara as suas actividades de ocupação do tempo, cerâmica e nem sabia mais o quê, e não aparentava ter nenhum problema de saúde. Rui sempre achara que tinha muita sorte, sobretudo comparando com alguns amigos, cujos pais, também a entrar nos oitenta, colecionavam maleitas e estavam constantemente a ligar com problemas absurdos que geralmente envolviam um qualquer aparelho electrónico com o qual não sabiam trabalhar. A mãe dele não. Era relativamente activa, sabia usar a Internet e nunca cobrava quando ele se esquecia de lhe ligar. E agora tudo mudara, de repente. Não era justo.

O táxi parou em segunda fila, sem pressa, apesar de ter carros atrás de si. Rui saiu rapidamente, feliz por não ter colocado a pequena mala na bagageira, e viu que a irmã estava à porta do prédio para o receber. Provavelmente, tinha alguma coisa para lhe dizer que não podia ser ouvida pela mãe. Estava com um ar cansado, as olheiras acentuadas, as raízes do cabelo por pintar, e as calças de moletão largas tornavam-lhe a silhueta disforme. Uma figurinha triste, pensou ele. Nisso, Marília era excepcional. Uma mulher que, mesmo que estivesse a cair o Carmo e a Trindade, apresentava-se sempre impecavelmente vestida e maquilhada. Saía-lhe caro

na conta do cartão de crédito, claro, mas valia a pena o investimento. Já entrada nos cinquenta, continuava a ser uma mulher muito bonita. O que seria chegar a casa depois de um dia de trabalho e ter alguém como a irmã a recebê-lo? Uma mulher desleixada, sem brio. Uma mulher que desistiu.

— Rui! Finalmente, chegaste! — exclamou Luísa, assim que viu o irmão.

— Olá, Luísa. Há novidades desde ontem?

— Novidades, não, mas prepara-te para o que vais ver.

— Como assim?

— A mãezinha não está bem, Rui — choramingou ela. — Faz-me tanta impressão vê-la assim...

— Assim como?

— Assim, atrapalhada da cabeça.

— Mas o que é que o médico disse?

— Oh, não fez caso nenhum! Não percebo estes médicos, sinceramente. Diz que ela está óptima, que os exames estão excelentes e que pequenos esquecimentos ou confusões são normais na idade dela. Afinal, tem quase oitenta anos.

— Então, porque é que estás com esse ar de enterro?

— Já vais ver — respondeu Luísa, encaminhando o irmão para dentro do prédio.

À medida que subiam as escadas, Luísa foi enumerando várias situações em que achara que a mãe não estava em si.

— Ontem, o Ricardo estava numa videochamada e teve de sair da secretária para ir buscar um documento. Então, não é que ela se sentou na cadeira dele e começou a conversar com as pessoas que estavam do outro lado do ecrã? E de camisa de noite!

— Mas estava lá alguém que ela conhecesse?

— Claro que não! Eram clientes do Ricardo! E ela ali, a conversar, a fazer perguntas... O menino o que é que faz? E a menina tem filhos? Deixe lá ver esse livro que tem aí ao lado, que acho que já li.

— E o Ricardo?

— Desligou a câmara e tirou-a dali para fora, e eles a rirem imenso, imagina! Como se a mãezinha fosse um palhacinho — choramingou Luísa.

— Calma, se calhar ela estava só na brincadeira.

— E passa o dia todo ao telefone — continuou Luísa, como se o irmão não tivesse dito nada. — Quer dizer, ela diz que está ao telefone, mas tenho a certeza de que está a imaginar. Ninguém com aquela idade tem assim tanta gente com quem falar. O dia todo! Além de que a mãezinha, como sabes, é meio surda. Ainda que alguém falasse com ela, como poderia responder? Fala baixinho, como se estivesse a esconder alguma coisa. E, quando lhe pergunto com quem estava a falar, diz que não era ninguém.

Chegaram ao patamar do apartamento de Luísa, que abriu a porta sem fazer barulho.

— Olha, lá está ela, a falar sozinha. Está nisto desde as nove — sussurrou, apontando para Helena, que falava ao telefone junto à janela.

— Olá, mãe! — exclamou Rui, aproximando-se dela, com aparente descontracção.

Helena virou-se para trás, sussurrou qualquer coisa e desligou a chamada, que não parecia nada imaginária.

— Rui! Meu querido filho!

— Que sorte, ainda te conhece — sussurrou Luísa, ao ouvido do irmão.

— Então, mãe, como está? — perguntou Rui.

— Estou ótima. Desejosa de ir para casa. Detesto estar aqui a incomodar a tua irmã.

— Já lhe disse que não me incomoda nada — reafirmou Luísa.

— Incomodo, sim. A Mafaldinha quer sair de casa por minha causa — disse Helena, olhando para o filho.

— Mas olhe, mãe, não se preocupe. O Ricardo esteve no seu apartamento com o Sr. Antunes e ele diz que aquilo vai ser rápido — informou Rui. — Só a sala e o *hall* é que precisam de arranjo. Duas

semanas, no máximo, que o tempo está bom e a tinta vai secar num instante.

— Oh, que bom saber — exclamou Helena. — Até lá, posso ir para um hotel para não incomodar.

— Nem pense — gritou Luísa. — A mãezinha precisa de estar acompanhada.

— Mas num hotel há imensa gente...

— Não é a mesma coisa. Fica comigo e não se fala mais nisso. Além disso, vamos de férias para a semana e a mãezinha vem conosco. Vai fazer-lhe bem espairer e apanhar um pouco de sol.

— Rui, meu filho! Estás tão bonito — comentou Helena, ignorando a filha.

— Precisa que lhe traga alguma coisa de sua casa? Vou lá este fim-de-semana com a Marília arredar da sala as coisas que não arderam para estar tudo pronto para os homens começarem.

— Quais homens?

Rui olhou para a irmã, que encolheu os ombros e revirou os olhos. Talvez Luísa tivesse mesmo razão. A mãe parecia um pouco baralhada. Que homens haveria de ser? Então, não tinham acabado de falar das obras? Resolveu não pensar muito no assunto. Provavelmente, a mãe ainda estava sob efeito do choque. Devia ser aterrorizador fugir de uma casa em chamas. Logo, logo, a mãe ficaria bem. Voltaria para o seu apartamento e tudo seria como dantes. Sem dramas.

FILIPA FONSECA SILVA E SE EU MORRER AMANHÃ?

E se eu morrer amanhã é um romance hilariante, que nos leva a reflectir sobre os preconceitos em relação às mulheres mais velhas e o enorme tabu em torno da sua sexualidade. É também uma luz de esperança, iluminando a ideia de que nunca é tarde para começar a viver.

«Este livro não é só para as mulheres, independentemente da idade, mas também para os homens, que podem aprender com as pressões a que as mulheres sempre foram sujeitas.»

Bárbara Wong, *Público*

«Filipa Fonseca Silva enfileirá, assim, na longa lista de escritoras defensoras, desde o século XIX, da libertação da mulher»

Miguel Real, *Jornal de Letras*

«E se eu morrer amanhã» deixa de ser uma história sobre a velhice, e passa a ser sobre liberdade. Sobre corpos que continuam vivos, mesmo depois de serem esquecidos pela sociedade.»

Joana Costa, revista *Ensaio*



Clube das
Mulheres
Escritoras



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-575-5



9 789895 965755